

Elogio da dificuldade: formar um leitor de literatura

Tomei como título dessas reflexões um ensaio do filósofo colombiano Estanislao Zuleta, porque alguns de seus parágrafos me levaram a pensar nas dificuldades e nos desafios que a literatura propõe aos leitores que se animam a entrar em seu universo. Zuleta questiona o modelo ideal da segurança garantida: “uma vida sem riscos, sem luta, sem busca de superação [...]. E, portanto, também sem carências e sem desejo”¹. Frente a isso, ele diz que a literatura nos propõe, no transcurso da leitura, riscos, lutas e, sobretudo, o enfrentamento de nossas carências. Ela não nos oferece soluções, mas diríamos que nos sugere perguntas, porque problematizar o que nos foi naturalizado é uma das funções fundamentais da arte; questionar o aceito, receber nossas sombras, os riscos da vida que vivemos e da sociedade na qual transitamos. “Em vez de desejar uma sociedade na qual seja necessário trabalhar arduamente para tornar efetivas nossas possibilidades, desejamos um mundo de abundância passivamente recebida”, sustenta Zuleta², mas acontece que os livros nos põem diante de nós mesmos e diante do mundo do qual fazemos parte e nos convidam a trabalhar arduamente para tornar efetivas as possibilidades. Assim, a literatura nos propõe inquietação, insatisfação, intempérie. Como sabemos, seu território não é o geral, mas o particular. Nela, não está a palavra infalível nem a palavra uniforme que suprime a indecisão e a dúvida; muito pelo

1. Estanislao Zuleta, *Elogio de la dificultad y otros ensayos*, Medellín: Hombre Nuevo Editores e Fundación Estanislao Zuleta, 2007.

2. *Ibidem*.

contrário, em seu mundo vivem a dúvida, as indecisões, as dificuldades de compreensão, que são todas estratégias necessárias para pensarmos por nós mesmos, coisa sempre tão difícil. Enfim, a literatura não nos leva à simplificação da vida, e sim à sua complexidade, evitando o pensamento global, uniforme, para ir em busca da construção de um pensamento próprio. “Há que se pôr um grande sinal de interrogação sobre o valor do fácil; não apenas sobre suas consequências, mas sobre a predileção por tudo aquilo que não nos questiona nem nos obriga a desenvolver nossas possibilidades”³, propõe Zuleta; e, sem dúvida, trata-se de um pensamento extremo, que busca manter aberta a brecha entre o dado e o possível, entre o real e o ideal, para seguir acreditando na possibilidade de uma vida melhor, no sentido profundo de uma vida mais consciente de si mesma e de sua relação com o mundo. Diz Zuleta, citando Goethe: “A aspiração de lutar sem descanso por uma existência altíssima”.

Para olhar além, sem temer sua dificuldade e o “sagrado direito de discordar”, precisamos “saber ler, e saber ler não é terminar logo, e sim ler devagar”, diz o mesmo Zuleta em outro ensaio que se intitula “Sobre a leitura”⁴, no qual o elogio da dificuldade poderia ser também um elogio da lentidão, porque, embora ler seja transitar de um livro para outro ou encontrar os próprios caminhos em meio a um bosque, não se trata de nos treinarmos em sistemas velozes de leitura, e sim numa lenta apropriação do que lemos. “Todo bom leitor é um rebelde, um insatisfeito”, disse Graciela Monte numa entrevista, entendendo a leitura como atividade mais ampla do que “ler livros”, entendendo-a antes como um sentir-se desconfortável perante o mundo e procurar signos para construir o sentido. Na realidade, a leitura é um convite para decifrar as pegadas do que não foi dito, deixando-nos “arrastar pelo ritmo da frase e, ao mesmo tempo, detendo-se pelo assombro do

3. *Ibidem*.

4. *Idem, Sobre la lectura*, Bogotá: Universidad de Antioquia, 1996.

conteúdo”, nas palavras de Zuleta⁵. Devemos poder ler, indica também Zuleta, seguindo Nietzsche em seu *Zarathustra*, como um camelo, um leão ou uma criança; como um operário que põe a trabalhar seu pensamento, como um rebelde que rechaça todas as formas de imposição ou de hierarquia, ou como uma criança que, em sua inocência, sempre está começando. Três condições para não ler por ler, para fazê-lo como um aventureiro, não apenas como um leitor capaz de interpretar, mas, sobretudo, como um leitor capaz de permitir que o texto o afete em seu próprio ser, em seu íntimo, e o leve por novos caminhos de conhecimento, até deparar-se com aquele que luta para se tornar visível, mesmo com o risco de nos transformar. Ler não é só consumir livros, mas nos convertermos em camelo, leão ou criança ao mesmo tempo, para nos afastarmos da ideia equívoca de ler como distração, quando, diferentemente, lê-se para se concentrar, para encontrar-se consigo mesmo, do mesmo modo que se escreve, ou se deveria escrever, não como tarefa de devaneio, mas como busca de plenitude de consciência. Todo bom livro nos convida a nos ensimesmar e, assim, a questão não é exatamente a quantidade de livros lidos, ainda que a diversidade e o número também sejam importantes. A questão é, sobretudo, como se lê e como se convidam outros a ler. Por isso, tenho problemas com a ideia de maratonas ou de campeonatos de leitura. Em *Escritos sobre literatura*, Hermann Hesse afirma:

A vida é breve e, no além, a ninguém se pergunta pelo número de livros que leu... A leitura superficial, distraída, é como caminhar por uma paisagem com os olhos vendados. Tampouco devemos ler para nos esquecer e esquecer a vida cotidiana, mas, ao contrário, para voltar a ter a mão firme, e com maior consciência e maturidade, sobre nossa própria vida. Devemos nos aproximar dos livros... como montanhistas... não como fugitivos e desgostosos de viver”⁶.

5. *Ibidem*.

6. Hermann Hesse, *Escritos sobre literatura*, Madrid: Alianza Editorial, 1984.

Disso também fala o escritor Guillermo Martínez num artigo intitulado “Elogio da dificuldade”, que vai no mesmo sentido das minhas reflexões:

Há livros árduos, cuja leitura se parece a um martírio. Conquistá-los, todavia, proporciona a felicidade das vitórias secretas. Cada vez que se fala de leitura, professores, escritores e editores se apressam em levantar as bandeiras do hedonismo, como se devessem se defender de uma acusação de solenidade, e tratam de convencer as gerações de adolescentes desconfiados [...] de que ler é puro prazer. Perguntados em suplementos e revistas, falam como se nenhum livro, e muito menos os clássicos, de *Dom Quixote* a *Moby Dick*, de *Macbeth* a *Facundo*, nunca lhes houvesse oferecido resistência⁷.

Martínez reafirma aquilo que há alguns anos disse Graciela Montes, em *O prazer de ler, outra volta do parafuso*⁸, para nos tirar dessa cilada que é o prazer da leitura ou a leitura por prazer, com a qual procuramos correr da leitura por dever que marcou toda a linha de pedagogização dos livros para crianças – com o perdão da pedagogia que estigmatizamos como a mãe de todos os nossos males. Diz Martínez:

Eu me proponho a defesa mais ingrata dos livros difíceis e da dificuldade da leitura. Não por um afã especial de contradição, mas sim porque me parece justo reconhecer que muitas vezes em minha vida a leitura se pareceu ao alpinismo, à luta corpo a corpo, às corridas de longa distância. Em todo caso, a literatura, como qualquer disciplina do conhecimento, requer treinamento, aprendizado, iniciações, concentração⁹.

7. Guillermo Martínez, “Elogio de la dificultad”, “Suplemento de Cultura”, *Clarín*, Argentina: 24 abr. 2001.

8. No original, *Otra vuelta de tuerca* (de porca), como foi traduzido em castelhano o livro de Henry James, *The Turn of the Screw*. Mas, entre nós, recebeu o título de *A outra volta do parafuso*. [N.T.]

9. Guillermo Martínez, *op. cit.*

Martínez fala de expor-se a literaturas antagônicas, de impedir que as preferências se cristalizem em preconceitos e de manter um espírito curioso: “São justamente os livros difíceis os que ampliam nossa ideia do que é valioso [...]. São esses livros contra os quais alguém pode colidir na primeira vez e aos quais, porém, retorna”¹⁰. Face à leitura de tantos livros iguais entre si, como que escritos em série, e em oposição àqueles versos de Mallarmé que se lamentavam da tristeza da carne e de já tudo haver lido, Martínez nos lembra que “os livros difíceis têm a piedade de nos mostrar o quanto nos falta”¹¹. Mas ninguém pode ler num livro mais do que sabe, porque “cada um tem um arco de sensibilidade além do qual nada existe realmente. E em cada um esse arco de sensibilidade é diferente”, diz Wallace¹². Não se lê a não ser o que já se sabe e, ao mesmo tempo, para ler é preciso se lançar a uma aventura e a um desafio; a aventura e o desafio de encontrarmos a nós mesmos, porque, ao se ler um livro capaz de nos interpelar, nossa sensibilidade se abre a perguntas que buscam na linguagem sua expressão e sua resposta. Mas assim como para olhar é preciso se pôr em algum lugar, também lemos a partir de certa perspectiva, de uma pergunta aberta, ainda não respondida, que trabalha em nós e sobre a qual trabalhamos quando lemos. Ler à luz de um problema é se deixar atravessar por um texto.

A dificuldade, falamos disso; da importância da dificuldade no caminho da construção de um leitor. Foi durante esse verão, lendo os ensaios de *Escrever na obscuridade*, do escritor israelense David Grossman, que percebi, mais do que antes, a importância que na leitura tem a dificuldade, o que temos e o muito que ainda não sabemos. Diz Grossman:

Pertenço a uma geração que está habituada a ler textos sem compreender todas as palavras. Em princípios de 1960, líamos livros escritos em hebraico arcaico e redundante; eram traduções dos anos 1920 e 1930, muito

10. *Ibidem*.

11. *Ibidem*.

12. Wallace Stevens, *Adagia*, Caracas: Dirección General de Cultura, 1977.

afastadas do nosso hebraico cotidiano. Sem dúvida, aquela incompreensão era um obstáculo para ler com fluidez, mas, retrospectivamente, me parece que parte da minha experiência leitora provinha precisamente da incompreensão, do mistério... do prazer de compreender algo. Menciono-o porque agora (na maioria dos livros) se dá prioridade aos termos mais simples, inclusive simplistas, quer dizer, em jargão¹³.

Grossman também fala sobre alguns livros que seu pai lhe deu quando era menino; que neles, pela primeira vez, recebeu “a chave do túnel que conduzia da minha infância à sua. Era um túnel estranho, estando uma de suas bocas em Jerusalém... e a outra num país chamado ‘ali’. Quando entrei naquele país, já não pude dele sair”¹⁴. Nosso escritor tinha então 8 anos e, em poucos meses, leu todas as obras de Scholeim Alechem¹⁵ disponíveis em hebraico:

Quando voltei a lê-las para escrever estas linhas, me surpreendi ao me dar conta do pouco que então teria podido compreender e de como me havia influenciado aquilo que não estava explicitamente escrito nos textos [...]. Não sabia nem compreendia, mas algo em mim me impedia de deixar de lado essas histórias escritas num hebraico que me era desconhecido. Eu as lia como se tivesse me metendo num mundo absolutamente estranho, mas que, ao mesmo tempo, era uma “terra prometida”. De certo modo, sentia que voltava para casa¹⁶.

Retomo essa última frase de Grossman: “De certo modo, sentia que voltava para casa”. Isso me parece a leitura: entrar num território desconhecido, ainda estranho que, no entanto, nos promete certa re-

13. David Grossman, “Libros que me han hablado”, *Escribir en la obscuridad*, Barcelona: De Bolsillo, 2011.

14. *Ibidem*.

15. No original, Sholem Aleijem, mas optamos por escrever o nome do autor segundo a grafia estipulada pelas comunidades judaicas brasileira, americana e francesa. [N.T.]

16. David Grossman, *op. cit.*

compensa, uma experiência em algum ponto reparadora, algo assim como um retorno para casa, para nós mesmos... , porque, como afirma Grossman, “a leitura foi, ao mesmo tempo, o contato com a dor e a única via possível de cura, o único lugar no mundo onde podem coexistir as coisas e sua perda”¹⁷. Leitura como encontro entre subjetividades, como desvelar um segredo que outro nos escondeu. Um segredo que semeou no livro seus traços e nos convida a revelá-lo, pois o que nos leva a prosseguir na página é saber que ali permanece algo não dito, como escreve Cesare Pavese numa das entradas de seu diário¹⁸. Não é o que se diz que nos leva a ler, mas justamente o que ainda não se disse, o que, permanecendo oculto, promete mostrar-se mais adiante; o latente, essa máquina de promessas que todo bom livro é, para que a leitura tente unir esse segredo que um texto encerra com a capacidade de descobrir o que o leitor possui. O que o texto vela e o leitor desvela em seu desvelo. Gosto de ler e escrever isso, tal como acontece a Rosa Mamano, a personagem feminina de meu romance *Veladuras*:

Gosto de fazer veladuras e também os falsos acabamentos. Primeiro, cobre-se tudo e depois se vai sovando, pouco a pouco, o que está escondido, que é sempre o que dói e que se há de remontar. É desse modo que se cobre o que estava exposto, se acrescenta o que falta e se chega ao fim do que se necessita. Gosto desses afazeres, porque se cobre o que estava por debaixo, mas que também se vê. É o que se passa com o que está velado: vê-se melhor do que quando está exposto¹⁹.

Por essa tarefa de investigação, por esse rastreamento de pegadas que levamos adiante quando lemos, Tzvetan Todorov relaciona a leitura com o gênero policial: o corpo de um morto, tanto quanto um texto, emite sinais, e quem os lê é como um investigador que procura

17. *Ibidem*.

18. Cesare Pavese, *El oficio de vivir*, 1935-1950, Barcelona: Seix Barral, 1992.

19. María Teresa Andruetto, *Veladuras*, Buenos Aires: Norma, 2005.

compreender, tenta deixar-se atravessar por esses sinais. O leitor é um detetive que fareja entre as frases, nos interstícios entre uma palavra e outra, retirando camadas e camadas, em busca de um certo grau de revelação, para que apareça o que está ali, mas escondido, reconstruindo o edifício que é uma obra, buscando algo daquilo que Octavio Paz escreveu em *O macaco gramático*:

Aquilo que se mostra na linguagem, sem que a linguagem o enuncie, aquilo que a linguagem não diz e, assim, diz aquilo que diria o silêncio, se deixasse de ser silêncio, aquilo que realmente se diz, aquilo que entre uma frase e outra, nessa fenda que não é silêncio nem voz, aparece aquilo que a linguagem cala²⁰.

Também Ricardo Piglia relaciona o leitor com o detetive quando considera “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe, como o grande texto sobre a leitura, e a figura do detetive como a representação do leitor. Seguindo Marta Ochonga, professora de literatura do Instituto de Formação Docente Contínua de Villa Regina, província do Rio Negro, em sua obra *A escola como espaço no qual se deve buscar a carta escondida*, poderíamos dizer que não é a destreza da leitura, e sim as artes da interpretação as que fazem um grande leitor, porque um leitor inteligente, astuto, sempre lê além da história narrada, buscando em cada aspecto do texto o segredo que oculta e olhando em profundidade cada canto dessa casa ou desse lar que é um texto. Talvez ajude nesse caminho revisar outras obras do mesmo autor, ou conhecer o terreno sobre o qual se construiu a obra que estamos lendo, saber quais são os livros preferidos desse escritor, qual foi ou é sua biblioteca pessoal... Caminhos não só para nosso próprio percurso de leitura, mas ainda para estimular outros a ler. Quando dava oficinas sobre conto, líamos durante o ano não muitos, mas uns poucos contos; muitas leituras de um mesmo conto, vindo em cada vez um novo aspecto (não todos de uma vez), uma leitura de

20. Octavio Paz, *El mono gramático*, Barcelona: Seix Barral, 1974.

detetive. “A passagem do leitor mais tradicional a um inovador se produz quando este último rompe com um modo de ler cristalizado e lê de uma maneira nova”²¹, assinala Marta Ochonga, que também divide aulas no seminário de literatura infantil no Professorado de Educação Especial com Orientação em Deficiência Mental. Mas, para que um jovem se converta em leitor inovador, capaz de ir além do consumo de um relato, mais do que livros de qualidade, ele necessita de ajuda. Para muitas crianças e muitos jovens, a escola é o único espaço onde se pode encontrar essa ajuda, o único espaço possível de contato com a cultura literária. Nesse sentido, Aníbal Jarkowski escreve:

O discurso literário, desde sempre, foi exigente e pediu uma exigência recíproca dos leitores. É justamente por suas dificuldades específicas, e não por sua simplicidade, que a sociedade continua apreciando a literatura acima de outras práticas culturais²².

A leitura literária, no sentido de ler no marco de um sistema inserindo os livros e nós, leitores, numa rede de tradições, é um hábito difícil de se adquirir, porque os livros não estão sozinhos, segundo Jarkowski:

[...] cada livro pertence a uma tradição que o antecede e a respeito da qual realiza tipos diferentes de operações: de continuação, de desvio, de réplica, de ruptura. Nesse sentido, um livro é inconcebível sem a própria história da literatura; porém, isto é o que cada vez custa mais transmitir aos jovens, para quem aquela dimensão histórica perdeu contornos e clareza [...] numa espécie de presente permanente, sem relação orgânica com o passado do tempo em que vivem²³.

21. Marta Ochonga, *La escuela como espacio en el que debe buscarse la carta escondida*, disponível em: <www.plumadodocente.com.ar/portal/indice>.

22. Aníbal Jarkowski, “Cuando se transforma la lectura”, *Todavía*, Argentina: maio-jul. de 2009, 21.

23. *Ibidem*.

Por isso, a escola precisa garantir a presença de determinados livros e ajudar sua leitura no contexto, reconhecê-los como introduzidos numa tradição, imersos num sistema literário, no marco de uma cultura e de uma língua. Jarkowski propõe que o professor enfrente os alunos com suas próprias limitações na hora de ler textos literários complexos, para reconhecer essas limitações e desenhar estratégias para superá-las, já que a escola é, para muitos leitores potenciais, a única ocasião de ingressar nesse universo. O escritor inglês Aidan Chambers, em “Biografia de um leitor, nascimento de um escritor”, de seu livro *Somos aquilo que lemos*, relata como até os 9 anos não foi capaz de ler com fluência; podia decifrar as palavras, mas lhe escapava o mistério pelo qual elas podiam combinar-se em frases e parágrafos. Numa tarde, pouco depois de completar 9 anos, sentiu inesperadamente uma multiplicidade de vozes na cabeça e começou, por assim dizer, a entender; mas não foi senão vários meses mais tarde, por causa de uma escarlatina, que se converteu em leitor habitual. Depois chegou o descobrimento de um livro excepcional (porque na vida de todo bom leitor há sempre um livro iniciático) e de um amigo chamado Alan que o levou pela primeira vez a uma biblioteca pública. Chambers reconhece que, sem Alan e sem a visita semanal à biblioteca, não teria se convertido em leitor; afirma também que, tão logo completou 14 anos, por encontrar um professor muito especial, a leitura tomou para ele outro rumo. Chamava-se Jim Osborn aquele agudo e intransigente professor de inglês, profundamente convencido de que se chegava ao coração do saber por via da literatura... No relato sensível de Chambers, podemos ver os diversos degraus da leitura: ler sem compreender; ler e compreender; ler com frequência; ler e falar de livros; inclusive, ler muito; mas há um passo a mais na exigência leitora daquele professor que ensinava a seus alunos a dificuldade de penetrar na poesia de Coleridge. Assim conta Chambers:

Jim entrou na sala de aula com um toca-discos, olhou com seus olhos estrábicos através de um óculos de fundo de garrafa: “Escutem!” [...], depois leu as primeiras linhas: “Kublai Khan, em Xanadu, havia orde-

nado...”, contou logo com suas palavras aquela história, perguntou o que pensávamos, se conhecíamos o autor, nos fez escutar uma e outra vez como estão orquestrados os sons do poema e assim seguiu implacavelmente adiante, insistindo sobre a precisão. Foi um trabalho duro, enfrentado com a certeza de que, ao final, descobríamos algo que valia a pena conhecer. Não sei o que aconteceu aos outros estudantes, mas desde o momento em que Jim entrou em nossa sala com o toca-discos debaixo do braço e os livros contra o peito... Para mim, o mundo inteiro mudou²⁴.

Como expressou Michèle Petit, quanto mais difícil é o contexto, mais necessário é manter espaço para o sonho, o pensamento, a humanidade. Espaços abertos para outra coisa. Espaços nos quais se possa voltar às fontes, onde se manter a própria dignidade, porque a literatura é metáfora da vida, uma vida nem sempre fácil de significar. Sair de si mesmo para ser, por um momento, outro, ainda que de maneira ilusória, isso é, entre muitas outras coisas, o que nos propõe a literatura. Diante do enfado, da angústia, da dor, do desconcerto de um grupo humano, de um auditório, por pequeno que seja, há sempre alguém disposto a construir um relato, um mundo de palavras que engana, consola, abriga, retarda a destruição e salva da loucura e do desamparo ou os provoca. Diz o narrador de *A crisálida*, do cordobês Augusto Porporato:

Nesta noite sem lua, sentados juntos ao redor do fogo, recordarei para vocês as histórias que Mori contou à sua mãe para espantar o frio. Isso aconteceu há muito tempo, mas ainda continuo escutando, tão perto como se ela voltasse a fazê-lo para nós, aqueles ruídos murmurados sob as folhas... Esta noite seguirei contando... Contar é o que me faz voltar aqui todas as noites, porque ali fora, vocês sabem, as coisas são diferentes²⁵.

24. Aidan Chambers, *Siamo quello che leggiamo: crescere tra lettura e letteratura*, Módena: Equilibri, 2011.

25. Augusto Porporato, *La crisálida*, Córdoba: Recovecos, 2010.

É um relato em que as armas perdem importância, porque a arma mais poderosa para sobreviver é a palavra; desde aquele “Era uma vez...” com que, certa vez, se começaram a contar todos os relatos, até o jovem e amante leitor do livro de Bernard Schlink, passando pelo gato que permanece acordado graças aos contos das *Histórias para Fernández*, de Ema Wolf, tanto quanto pela antológica narradora das *Mil e uma noites* em que se inspira, ou o futuro que se visualiza no livro do mundo a que tem acesso o velho Melquíades em *Cem anos de solidão*, a literatura não deixa de nos levar a nós mesmos.

Possibilidade de construir conhecimento, de viver experiências estéticas e de configurar uma ética pessoal. A ética, como propõe Luiz Percival Leme Britto, em seu texto “Literatura como conhecimento e compromisso com a liberdade”, está relacionada ao pensar e construir a dimensão do humano, porque nos abre experiências estéticas e humanas que sacodem nossa posição ética e nos obriga a redefini-la. Que espaço há nos jovens para a literatura? Aquele que estivermos dispostos a dar-lhes se estivermos convencidos da importância das experiências estéticas e sensíveis em suas vidas. A esse respeito, assinala Jarkowsky:

Algumas vezes, quando se reduzem os espasmos a respeito da cotação do dólar, os reclamos sobre a pena de morte ou a formação da seleção nacional de futebol, a sociedade argentina se interroga acerca da relação dos jovens com a leitura. Trata-se de uma interrogação pouco frequente, por certo, mas também espasmódica e que, inesperadamente, preocupa aqueles adultos que leem muitíssimo menos do que pretendem fazer ler aos jovens²⁶.

Por isso, a pergunta hoje não é se se lê mais ou menos do que antes: a pergunta e o desafio são como fazer para ler melhor e como fazer com que outros leiam melhor, ou seja, mais seletiva e profundamente. O que podemos fazer para melhorar a qualidade dos leitores? A escola

26. Aníbal Jarkowsky, *op. cit.*

não é um bloco monolítico, em seu interior convivem todas as contradições que habitam a sociedade. Nesse sentido, sustenta Luiz Percival Leme Britto:

Nos anos 1960, falava-se muito que o analfabetismo era de interesse do sistema, como maneira de subjugar as pessoas. Em troca, o que ocorre hoje é que ao sistema já não interessa o analfabetismo, e sim um analfabetismo ignorante. E muito do que se faz em promoção de leitura, em ensino de leitura na escola, inconscientemente ou conscientemente se faz nessa direção. Então, a crítica que eu faço é dirigida aos grupos que trabalham na promoção de leitura para que se deem conta de que, às vezes, fazem o contrário do que querem fazer. Não se trata de tomar o conhecimento como se fosse um saber pragmático, e sim como uma possibilidade de indagação de si mesmo, dos outros e da sociedade. Os programas de leitura que levam programas midiáticos à escola, como maneira de “pescar” as crianças, são um equívoco, estão reproduzindo ideologia. Voltando à literatura, muitas vezes se promove uma má literatura, uma literatura de consumo, de entretenimento para as pessoas, com a ideia de que isso talvez possa conduzir a proposições contestatárias. Ora, isso não vai funcionar. Então, minha ideia é: há que se criar a possibilidade de um estranhamento, de um certo incômodo ou mal-estar na vida das pessoas, como possibilidade de indagação da própria condição humana e das condições político-sociais em que vivem. Dar sentido ao ato de pensar. Limpar um pouco o discurso sobre a leitura desse excesso de encantamento, de fantasia; há muita mágica em torno disso. Um pouquinho mais de realidade nos faria bem a todos. A leitura crítica pode participar na transformação social, mas ela só vai existir plenamente se alguém se envolver no processo de transformação. Por isso, trata-se de um processo dialético, mas não há mudanças de qualquer natureza sem que alguém se envolva em ações fortes, do ponto de vista do sentido da vida²⁷.

27. Luiz Percival Leme, “Literatura, conocimiento y compromiso con la libertad”, *Inquietudes y desacuerdos: la lectura más allá de lo obvio*, Bogotá: Asolectura, 2010.

Noé Jitrik também fala disso num ensaio que se intitula “O tema da leitura: ler muito e ler bem”:

O que é ler bem? Certamente há que se saber ler, ou, que dá no mesmo, possuir uma competência, mas a leitura já é outra coisa, é uma construção que se erige entre um indivíduo e um texto, mas também a partir de uma cultura que opera no indivíduo e no texto [...]. Deste modo, poder-se-ia afirmar que não é um objeto neutro ou puramente instrumental; seu alcance é sempre maior e vai além... A leitura “crítica” organiza indícios de tal forma que, por um lado, recupera tudo o que a leitura literal ignora e a leitura indicial promete e, por outro, é capaz de canalizar o conhecimento produzido em todo o processo²⁸.

Por isso a leitura é desejável e por isso deveríamos tentar que ela seja de todos. Temos muito trabalho pela frente para melhorar a quantidade e a qualidade leitora de nossos jovens, porque ainda é muito grande a desigualdade de oportunidades. Por essa razão, necessitamos de mestres e de professores que valorizem a importância de introduzir nos novos leitores a dificuldade, docentes capazes de construir um leitor a quem não seja igual este ou aquele livro. Do mesmo modo que nos interessa a índole de um editor para quem não seja a mesma coisa editar um livro ou outro, e procuramos o novo livro de um escritor para quem não é a mesma coisa escrever de um modo ou de outro. Os bons livros são construções de mundos, artifícios que nos obrigam a perceber outras vidas, imaginar outros caminhos humanos; essa é uma das razões mais fascinantes de escrever e de ler: olhar o mundo com olhos alheios, tentar entrar em outras condições de vida para compreender um pouco mais a condição humana. Uma das razões mais poderosas de escrever e de ler é, sem dúvida, o desejo de compreender os demais, espelho, por sua vez, do desejo de compreendermos a nós próprios. Leitura e escrita

28. Noé Jitrik, “El tema de la lectura: leer mucho y leer bien”, *Lectura y Cultura*, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1987.

como caminho de conhecimento. Tomando aqui e ali frases do *Novo elogio da loucura*, de Alberto Manguel, poderíamos dizer, então, que o leitor ideal não é um taxidermista, tampouco um arqueólogo; é, de preferência, um inventor que lê para encontrar perguntas, que subverte o texto, que sabe o que o escritor apenas intui, que acredita que, se não se lê, o mundo se torna mais pobre e que vive cada livro como se fora sua autobiografia. Um grande livro é um livro que cresce enquanto alguém cresce, um livro que não se gasta, que muda conosco, que na releitura tem algo novo para dar-nos. Um bom livro é um território ao qual vamos em busca de perguntas e no qual as respostas, sempre provisórias, aparecem enquanto escrevemos ou lemos, e aparecem na medida em que o escrito toma forma. Num bom livro, quem escreve aprende enquanto escreve, e ensina, assim – como diz Chambers de Anne Frank –, como se tornar escritor.

O bom leitor: quando e onde se converte uma criança, um jovem em bom leitor, num leitor capaz de ler desse modo? Talvez “desde criança, se se trata de uma comunidade que usa livros; mas sabemos, com certeza, que nem todas as famílias podem oferecer isso; a escola, sim, pode oferecer: o espaço escolar é um dos espaços privilegiados para que livros e leitores apareçam”, diz Emilia Ferreiro²⁹. Todavia, não devemos esquecer que os chamados livros para crianças ou para jovens, em muitas ocasiões, mais que literatura, são livros vigiados, e então é muito fácil que apareçam (apesar do muito que se tem lutado para que não seja assim) mandatos, estereótipos e superficialidades que mudam e se reciclam de mil maneiras. Basta ter sido, em alguma oportunidade, jurado da produção editorial para crianças e jovens do país (e suspeito que algo similar aconteça com as produções editoriais de outros países) para comprovar que uma grande parte dessa produção poderia rapidamente ir para o lixo. Temos então de saber – escritores, editores, especialistas,

29. Emilia Ferreiro, “Acerca de las no previstas, pero lamentables consecuencias de pensar solo en la lectura y olvidar la escritura cuando se pretende formar al lector”, *Lecturas sobre lecturas: ponencias del Seminario Internacional de Fomento de la Lectura*, México: Conaculta, 2002.

mediadores – que a literatura é outra coisa, que é um lugar onde se produzem rupturas. Existem muitos livros que respondem ao clichê da literatura juvenil e transitam pelos tópicos da vida de crianças e de jovens; no entanto, se falamos de literatura, já não sabemos dizer as características que os uniformizam, pois a literatura, quando é de verdade, é singular, trata de livros que, além de uma peripécia, nos propõem uma experiência de linguagem e um percurso de leitura que os torna únicos. Vivo como uma necessidade, um desafio, uma responsabilidade e um privilégio que nas escolas de meu país os livros sejam incluídos nos programas escolares, de modo que converter-se em leitor não seja assunto de alguns, e sim uma política de Estado, porque a construção de leitores tem seu ponto nodal na escola. Defendo muito a escola e o trabalho de leitura que nela se pode fazer, porque a escola é (ao menos em nosso país) o grande igualador social de recursos culturais; quanto aos livros em si, não creio que haja problemas em lê-los como parte de um programa nem como parte de um dever, em classe ou em casa (desde que a pessoa que oriente seja uma boa leitora, traga bons livros e habilite a conversação em torno do que se lê), porque, como bem sabemos, muitas vezes o prazer de descobrir um livro que se converterá em algo inesquecível provém do esforço de acessá-lo. Tudo o que nos leva a lugares novos implica esforço e é pouco provável que uma criança faça isso por si mesma, sem a ajuda de um adulto. Desconfio bastante do “espontaneísmo” na leitura de crianças e de jovens, parecendo que a escolhem sozinhos, quando, na realidade, são induzidos a escolher certos livros por estratégias arrasadoras de mercado. Frente a isso, faria um elogio da dificuldade e da importância de dividir essa dificuldade com um professor, um bibliotecário, um pai.

Converter-se em leitor leva seu tempo e é uma tarefa de alta intensidade; trata-se de dar saltos sobre si mesmo até uma consciência maior, de maior complexidade, saltos para, nas palavras de Chambers, enfrentar uma “literatura que não se dirija ao público, mas à linguagem”. A boa literatura quer leitores capazes de ler a sério, leitores capazes de compreender que a única liberdade de pensamento é a liberdade que se

constrói. O caminho para os grandes textos e para as grandes obras, que por séculos transitaram de modo privado e natural nas classes privilegiadas (que não necessitam fazer demasiados esforços para se apropriar dos bens culturais, porque esses bens estão ao alcance da mão), pode-se fazer na escola, por meio de esforço e dificuldade, com crianças e jovens de outros setores menos privilegiados. Pois é uma ideia aristocrática pensar que se tem acesso aos bens culturais naturalmente quando não se pertence ao mundo habitual de circulação desses bens, e porque “as pessoas não sabem o tempo e o esforço que são necessários para se aprender a ler. Venho tentando há oitenta anos e ainda não posso afirmar que tenha conseguido”, como cita Manguel de uma carta de Goethe, em seu livro *Novo elogio da loucura*³⁰, que, como sabemos, fazia parte do mundo da circulação dos bens culturais de seu tempo.

Lido nas Jornadas Internacionais para Docentes na XI Feira Internacional do Livro de Buenos Aires, em 26 de abril de 2014.

30. Alberto Manguel, *Nuevo elogio de la locura*, Buenos Aires: Emecé, 2006.